

NÍVEIS LÓGICOS E COMUNICACIONAIS DA TRANSFERÊNCIA

Jorge L. Ahumada*, Buenos Aires

Talvez em maior medida que os outros seres humanos, os psicanalistas habitamos em dois mundos. Por um lado vivemos nossa vida cotidiana no universo da compreensão comum; por outro, em nossas sessões psicanalíticas tentamos, e numa medida variável conseguimos, chegar a um contato e a um conhecimento do inconsciente que conseguiremos compartilhar, se tudo for bem, com quem participa conosco da sessão e está por isso em condições de contatar, pessoalmente, de maneira ostensiva, com dimensões até então não acessíveis de seus processos inconscientes. A transferência, essa outra via régia que nos permite a captação do universo do inconsciente tal como vai ocorrendo na sessão, é, afirma Money-Kyrle (1977) em seu trabalho póstumo, talvez o mais misterioso da psicanálise, mas é também o que a faz possível.

A transferência, enquanto reativação de “marcos” vinculares inconscientes, compreende diversos níveis articuláveis em duas dimensões contrapostas, do que resulta que a representatividade do fenômeno transferencial no sonho e na sessão seja por sua vez suscetível de diversos graus. Essas duas dimensões contrapostas correspondem respectivamente a:

- a) a individuação perceptória no nível da ostensividade; conforme Suzanne Langer (1953) que denomina “indivíduos” àquilo que – sejam pessoas, coisas ou eventos – possa ser assinalado dizendo-se “isto”.
- b) a hierarquia de Bateson (1973, 1979) dos níveis pragmáticos da relação. Embora a teoria dos níveis pragmáticos comunicacionais e metacomunicacionais da relação esteja moldada em torno da teoria de Russell dos tipos lógicos, é objetivo deste trabalho mostrar que se articulam na situação analítica em formas contrapostas. Longe de ser um fenômeno linear, a transferência dar-se-á então em vários níveis, cuja representatividade pode cumprir a função de indicador.

Para ilustrar isso, partirei de um material clínico de Betty Joseph (1985) e de sua idéia de que a transferência atuada proporciona o “marco” para a compreensão do material verbal do paciente. Jiménez (1990) estudou esse material seguindo a idéia de Matte-Blanco do inconsciente como hiperespaço de mais de três dimensões.

A transferência de acordo com Betty Joseph

Em seu trabalho já clássico, “Transferência, a situação total” (1985), Betty Joseph assinala a função de “marco” da transferência, citando Klein (1952) quanto a pensarmos a transferência em termos de situações totais transferidas do passado para o presente; tais situações totais abrangem emoções, defesas e relações de objeto, incluindo tudo o que o paciente traz para a relação e, em especial, “como está usando o analista, mais além do que disser” (p. 447). Disso, nos daremos conta, diz, sobretudo através das experiências que surjam em nós, isto é, através da contratransferência em sentido amplo. As interpretações trarão à tona os supostos fundamentais do paciente na situação analítica, permitindo que possam ser vivenciados como sua realidade psíquica; somente mais tarde, e pouco a pouco, dever-se-á ligá-los com sua história. Se as interpretações e a compreensão, diz Joseph, “mantêm-se no nível das associações individuais e não abordam a forma como o analista e suas palavras são usados, ver-nos-emos arrastados para organização pseudomadura ou predominantemente neurótica e deixaremos de lado as ansiedades e defesas mais psicóticas, que se tomam manifestas tão logo levemos em conta a situação total que está sendo atuada na transferência” (p. 453, grifo meu).

Seu material clínico era o seguinte:

“O sonho era: havia uma espécie de guerra. Meu paciente estava numa reunião, num apartamento à beira-mar. As pessoas, sentadas em torno de uma mesa, ouviram lá fora o motor de um helicóptero e perceberam, pelo som, que alguma coisa lhe acontecia. Meu paciente e alguém mais velho deixavam a mesa de reunião e iam até a janela olhar. O helicóptero tinha problemas e o piloto jogara-se de pára-quedas. Dois aviões olhavam do alto para o helicóptero, estavam tão alto que se os via muito pequenos e incapazes de ajudar. O piloto caía na água; meu paciente perguntava-se se teria tempo de inflar a roupa, ou se estaria morto, e assim seguia.

Não darei o material sobre o qual baseei minhas interpretações, mas, em traços gerais, mostrei-lhe a guerra que ocorre constantemente entre o paciente e eu, ao trabalho que fazemos aqui, sessão após sessão, guerra que aparece no modo em que tende a dar as costas, no sonho, à reunião que está sendo efetuada em torno à mesa. Quando olha pela janela, para fora, sabendo que alguma coisa está errada (como ocorre com o helicóptero), vê que há uma analista, quer dizer, eu mesma, os dois aviões, os dois braços, os seios, olhando e tentando ajudar, mas permanece preso na observação do outro aspecto – a parte de si próprio, o piloto – que está com problemas, que está caindo, que está morrendo, isto é, pelo mundo fascinante do masoquismo. O que eu quero dizer é que mostra sua preferência por ficar imerso numa situação de colapso doloroso em vez de voltar-se para desfrutar da ajuda e do progresso.

Então, no transcorrer da sessão, pareceu assimilar bem seu contato com essas interpretações e vivenciar a importância de sua fascinação pelo seu masoquismo” (p. 449-50).

No dia seguinte, o paciente disse que, após o trabalho feito sobre o sonho, ficara preocupado com suas rejeições, brigas e excitação quando isso acontecia; até que ponto podia isso ser tomado como um insight; o analisado falava num tom de voz neutro, quase entediado, o que, conforme lhe mostrou a analista, era parte da guerra astuta. A isso o paciente respondeu sombriamente: “pareceria que, na realidade, nenhum aspecto meu quer trabalhar nem cooperar”. Quando a analista ia tentar lhe demonstrar que isso não era bem assim, dado que ele vinha à análise, percebeu que, em tal caso, estaria atuando uma parte ativa, positiva do paciente, projetada nela mesma, caindo assim numa armadilha: ou atuar esta parte do paciente que esse não sentia como sua, ou em concordar com ele em que nenhum aspecto seu queria cooperar. A isso o paciente respondeu que entendia mas que não era capaz de fazer nada a respeito; a guerra oculta do sonho passava a ser vivida na transferência.

Algumas lembranças que então surgiram, diz Betty Joseph, permitiram situar que o problema estava no reconhecimento e tolerância de sua melhora, que implicava em ceder perante seus mais velhos e deixar de lado o prazer de derrotá-la.

Embora já não se sentisse atolado, sentia, sim, que havia sido a iniciativa da analista, como uma “espécie de flautista de Hammel”, o que o havia tirado de seu atoleiro, tal como, quando criança, se sentira seduzido pela sua mãe. Depois, diz Joseph, agregou muito rapidamente que temia também ficar preso a cálidos sentimentos de excitação aos quais tinha o hábito de chamar de “filhote”.

Sobre a representação nos sonhos e no atuar

A essa altura do relato, passemos a explicitar alguns itens do que, na minha opinião, foi um dos achados mais originais surgidos na Psicanálise Latino-Americana: a concepção da espacialidade do inconsciente, de acordo com Matte-Blanco (1975-1988). A mente inconsciente mostra, conforme afirma Matte, as qualidades de um espaço de mais de três dimensões, e é uma característica relevante dos “hiperespaços” de mais de 3 dimensões que não podem ser visualmente imaginados. Podemos visualizar com facilidade um quadrado bidimensional com linhas como lados, e o mesmo é válido para um cubo (tridimensional) que tem como lados quadrados bidimensionais, mas nos é completamente impossível imaginar um hiper-cubo tetradimensional que tenha cubos como lados.

Na geometria analítica, admite-se que um espaço de um número mais alto de dimensões somente possa representar-se num espaço de menor número de dimensões mediante a repetição de seus elementos; dessa forma, um triângulo bidimensional pode ser representado numa só dimensão mediante a repetição linear dos três elementos que constituem seus lados. A mesma tendência de repetição de elementos ocorrerá nos sonhos, de acordo com Matte. Ilustrando essa teoria de Matte, isto é, as formas em que o “hiperespaço” psíquico experiencial inconsciente de mais de três dimensões acede a representatividade no espaço do sonho mediante a repetição de seus elementos, Jiménez (1990) retoma o material de Joseph, como segue:

- 1) “O self do paciente aparece pelo menos duas vezes no sonho: uma vez como o “eu observador” que dá as costas para a mesa na qual ocorre a reunião para olhar pela janela para o helicóptero e o piloto, fascinando-se por tal visão de perigo; a outra, como o próprio piloto caindo na água. Assim, vemos um clivagem no self, na qual o “eu observador” está invadido pela fascinação e excitação masoquista, tal como se faz claro na subsequente elaboração do sonho.”
- 2) “O objeto-analista também aparece ‘clivado’ primeiro como o inimigo que não está representado diretamente mas se faz presente através da atmosfera de guerra e, segundo, como os dois aviões que voam tão alto que são incapazes de ajudar. Essa é, então, a clivagem típica entre um analista “mau”, perseguidor, e um analista idealizado. A pessoa mais velha que acompanha o paciente até a janela é também, provavelmente, uma representação da analista que fica presa na manipulação masoquista. Poderíamos ir mais além e supor que a alusão às “pessoas sentadas ao redor da mesa” é uma representação da situação analítica, onde o analista assume diferentes papéis transferenciais que o paciente projeta nele. Dessa forma, o analista aparece representado pelo menos duas, e talvez três ou mais vezes.”(p. 462).

Joseph e Jiménez desenvolvem uma série de analogias entre os conteúdos do sonho, por um lado, e a ação e emoção tal como se evidenciam na evolução do vínculo com o analista, por outro. O que denominam “clivagem” é a coexistência de relações vinculares contraditórias que se evidenciam tanto no sonho como na ação, relações que ocorrem também no vínculo com o analista na sessão; Joseph concentra-se na forma como estas “clivagens” que aparecem no sonho vão se explicitando ao serem vividas na forma de ação na sessão. Essas relações vinculares contraditórias podem ser vistas, em termos de Matte, como “funções proposicionais inconscientes”(1) as quais irão transcorrendo pelo vínculo com o analista. Mais adiante, retomarei este material em termos das idéias de Bateson sobre as “lógicas” da relação, mas antes devo introduzir seus conceitos. (Uma revisão mais ampla encontra-se em Etchegoyen e Ahumada, 1990).

Os níveis lógicos da relação conforme Bateson

Bateson (1955, p.150) afirma que além do aparentemente simples nível “denotativo” (“o gato está sobre o tapete”) deveremos ter em conta dois tipos diferentes de níveis hierárquicos: o metalingüístico, no qual o objeto ao qual nos referimos é a própria linguagem, e o metacomunicativo, que se refere à relação estabelecendo os “contextos” e “metacontextos”, isto é, os diferentes níveis de “marcos” hierárquicos para a relação de ação e emoção entre os interlocutores. Esses “marcos” são usualmente implícitos, tonais, gestuais e situacionais mais do que verbais; pertencem aos códigos analógicos de ação-emoção de nossa herança como mamíferos mais do que aos códigos digitalizados e socialmente compartilhados da linguagem.

Ao longo da evolução dos mamíferos, as tentativas de deslindar categorias pertencentes a níveis lógicos diferentes tendem a assumir as qualidades do paradoxal sendo então os paradoxos, de acordo com Bateson (1973), intrínsecos a uma comunicação em evolução. Em outros trabalhos (1991, 1994, no prelo) eu afirmo que o insight ostensivo descrito por Strachey em seus trabalhos clássicos (1934, 1937) leva-se a efeito através da evolução de um paradoxo pragmático, que em termos de um uso cognitivo da linguagem, pode, na sua forma mais simples, ser assim descrito: o analista “é/não é” o objeto arcaico. Em termos freudianos, isso pode ser focado em termos de que o paradoxo envolve a realidade “psíquica” da representação inconsciente de coisa, por um lado, e a realidade factual das significações em nível de pensamento consciente vinculado com as representações de palavra, por outro.

A linguagem, diz Bateson seguindo a Russell, é uma tentativa de “explicação”, isto é, de “mapear” um nível processual que, no caso da realidade psíquica a “mapear” indicada pela análise, é relacional, hiperdimensional e primariamente inconsciente. É amplamente aceito entre os lógicos que a linguagem cotidiana não discrimina adequadamente os diferentes níveis da linguagem (linguagem de objeto e metalinguagem) tal como o evidencia ao longo da história da filosofia o paradoxo do mentiroso. Cabe agregar que também fracassa – e em muito maior grau – quanto a ter em conta a estrutura de múltiplos níveis dos marcos vinculares.

É fundamental, do meu ponto de vista, assinalar que, com sua hierarquia de “marcos” metacomunicativos, Bateson está estabelecendo o que podemos chamar de uma teoria de níveis pragmáticos relacionais que, embora modelada sobre a teoria dos níveis na linguagem, se refere a acontecimentos com qualidades muito diferentes, que darão o “contexto” das verbalizações(2). E, chegados a esse ponto, faz-se necessário articular as diferenças entre a relação que se estabelece entre linguagem e metalinguagem por um lado, e a que se estabelece entre os âmbitos comunicacional e metacomunicacional e a linguagem verbal, por outro.

Do ponto de vista da teoria dos níveis lógicos da linguagem, a linguagem em que falamos se situa num nível mais alto do que a linguagem sobre a qual se fala (Reichenbach 1947, p. 253); dessa forma, os enunciados sobre o que se está falando se situam num metanível referente a tal falar. Mas, muito diferente é o que ocorre quanto à realidade vincular a respeito dos enunciados verbais.

Tanto Sharpe (1940) quanto Matte têm insistido em que a linguagem verbal foi construída para descrever objetos físicos e que a única possibilidade que têm de descrever os fatos psíquicos é através de metáforas “físicas”. De tal forma que somente os fatos psíquicos que chegam a se evidenciar no espaço tridimensional “físico” são passíveis de serem denotados ostensivamente e de serem levados em conta a partir da linguagem. Como veremos a seguir, o funcionamento dos níveis pragmáticos relativísticos da realidade psíquica e dos níveis lógicos da linguagem pareceriam efetuar-se, num sentido crucial, contrariamente um ao outro.

Freud e Bateson concordam cada um a partir de sua própria perspectiva, quanto à primazia da realidade relativística inconsciente a respeito da realidade lingüística consciente. Dali um fato que é indispensável levar em conta do ponto de vista da técnica psicanalítica: a prioridade pragmática da realidade psíquica inconsciente. Em termos de Bateson, que “a relação vem primeiro, tem prioridade” (1979, p. 143). Essa prioridade, que não implica deixar de lado em forma alguma as complexidades e a importância da linguagem e que é válida para os “marcos” contextuais e metacontextuais de emoção e ação a respeito do conteúdo do que se verbaliza, será o fundamento do cuidado da ostensividade quanto ao método. Bateson explica que uma relação importante é o “contexto de contexto de contexto” mais geral e que é dentro do mesmo que se estabelecerão os “contextos” (eventos) e “contextos de contextos” (classes de eventos) (1973, p. 246-9, 1979, p. 130). Tais relações importantes parecem ser fundamentalmente de dois tipos: com a mãe que alimenta e com o chefe da manada ou do grupo.

Embora se afaste resolutamente das formas habituais de pensar, motivo pelo qual não é fácil de entender, tal linha de pensamento não pode nos surpreender. Como analistas – e desde logo isso não acontece assim no caso dos lógicos, nem no dos filósofos –, sabemos desde Freud, e a partir do que nos é diariamente ensinado no transcurso da evolução das significações na sessão psicanalítica, que o universo dos enunciados verbais e a lógica formal não é senão um subconjunto consciente de um universo mais amplo de significações dadas pelas relações vinculares inconscientes. O nível indicativo, a linguagem de objeto (Reinchenbach, 1947) que se refere a indivíduos físicos e a fatos ou acontecimentos, parece simples e “primário” porque – como Freud já o observou a respeito das representações de palavra – tem fácil acesso à consciência e em função disso adquire primazia quanto a – nos termos que usara Descartes no Discurso do Método – articular a partir daí nossos “conceitos claros e distintos”; nossas significações vinculares importantes, porém, não assumem a forma de “conceitos claros e distintos”. A tarefa do analista é, por certo, diferente da do filósofo: encontrar como fazer acessíveis à consciência os “contextos” e “metacontextos” inconscientes da relação.

A neutralidade do analista

Concordemos ou não com Bateson (1973, p. 250) quando afirma que, ao ignorar a teoria dos tipos lógicos, aqueles que investigam o comportamento fazem-se credores de sessenta anos de obsolescência, cabe, sim, dizer que a definição de Betty Joseph da transferência como “situação total” esboça um conceito de transferência que implica diversos níveis relativísticos em que nos diz como o paciente “usa o analista, mais além do que está dizendo” (p. 447), isto é, a “relação atuada”, estabelece o “marco” ou “contexto” para o que o paciente descreve em palavras. O “marco” é então inconsciente e relativístico e põe-se em jogo na atuação transferencial: denominaremos “acontecimentos” ou “fatos” ao que se toma ostensivo nos espaços tridimensionais do sonho ou da ação e pode, a partir desse ponto, ser descrito.

A realidade psíquica deve então, de alguma forma, tornar-se factual para que possa ser vivida conscientemente: pode ser captada inconsciente e depois conscientemente somente na medida em que se desenvolve na via régia para o inconsciente, o espaço tridimensional “quase-físico” dos sonhos ou as fantasias, ou no espaço tridimensional físico percebido ou recordado. Que assim se torne verbalmente descritível coincide com a idéia de Sharpe (1940) e de Matte de que a realidade psíquica não pode ser descrita senão metaforicamente mediante o uso de analogias físicas cuja determinação vivencial subjaz na linguagem comum.

Disse anteriormente que os níveis da linguagem e os marcos relativísticos pragmáticos parecem agir, num aspecto central, opostamente um ao outro. O que se toma mais facilmente consciente e enunciativo na linguagem parece ser o que pertence a “eventos” de um tipo relativístico e emocional perceptíveis conscientemente no espaço tridimensional. Das experiências referidas a tipos dimensionais mais elevados e menos verbalizados pareceriam derivar, em último caso, todos os significados (Sharpe). Os “marcos” relativísticos de ação e emoção possuem maior número de dimensões que o espaço factual tridimensional; esse é o nível da transferência como “contexto de contexto” referente aos enunciados verbais expressos perante o analista. A neutralidade benevolente que Freud prescreve como atitude analítica se estabelece como “marco” receptivo mais alto para as transferências em evolução, isto é, para os “contextos de contextos” relativísticos inconscientes que se estabelecem e atuam na sessão. Na situação analítica, o objeto relativístico inconsciente da realidade psíquica, o “objeto interno” (que pertence ao nível das classes analógicas e não ao dos “indivíduos” ou “eventos” perceptíveis), pode encarnar no analista como objeto factual físico tridimensional e então – somente então – ser objeto de “prova de realidade”.

Retomando meu objetivo inicial, direi que, a meu entender, o que se aproxima do “marco” transferencial relativístico de mais alto nível isto é, o “contexto de contexto de contexto”, resulta, pela sua hiperdimensionalidade, naquilo que da transferência é menos personificável no material onírico. Dentro desse “marco”, desse contexto mais amplo, o analisado estabelece “contextos” e “contextos de contexto” vinculares mediante a repetição atuada. Tentarei ilustrar também a forma em que tais “contextos” e “contextos de contexto” transferenciais evoluem através da personificação tridimensional “física”, em vínculo com o analista antes de alcançar a contestação ostensiva.

O escorregadio “contexto de contexto de contexto” relativístico: o analista como “base”

O “contexto de contexto de contexto” de mais alta dimensão pode talvez ser vislumbrado por cada analista, com base em suas experiências de sessão, mas não mostrado nem descrito em forma direta: esse contexto dimensional mais alto é, parece-me, o que Money-Kyrle chamara a “base”, o vínculo primário com uma mãe-seio “na direção da qual o eu corporal se orienta como seu lar” (1968, p. 424), do qual surgirão naturalmente os outros tipos de vínculo, e do qual depende a cordialidade. Termos clássicos como o da “regressão” relacionam-se sem dúvida com esse nível, assim também como a distinção de uma “transferência precoce” que entra na análise através da repetição (Ferenczi 1932; Etchegoyen, 1982), isto é, através de como o paciente usa o analista. A “simetria de classes” de Matte leva a descrevê-lo em termos de lógica simbólica, mas acho que o emprego da teoria dos tipos ajuda a alcançar precisões adicionais.

Permitam-me agora retomar ao material de Betty Joseph em busca de indícios perceptíveis – neste nível só encontraremos indícios – que se vinculem ao contato do paciente com esse escorregadio e abrangente nível da transferência na direção de uma mãe-seio e do analista como “base”, indagando logo como vão evoluindo tais indícios junto com o processo. Considerarei os seguintes:

- a) no sonho, o paciente estava reunido num quarto à beira-mar.
 b) mesmo assim, no sonho, o piloto caía na água, e o paciente perguntava-se se teria tempo de inflar sua roupa, se estaria já morto, e assim por diante.
 c) com a evolução na sessão, o paciente já não se sentia atolado, mas sentia que isso era devido à iniciativa da analista, “como um flautista de Hammelím”, tal como na sua infância havia se sentido seduzido pela mãe.
 d) o rápido reconhecimento de seu temor de ficar preso numa excitação de sentimentos tenros, “de filhote”.

O material de Joseph ilustra algumas das múltiplas vicissitudes de um processo de insight; no que segue me limitarei ao que pode surgir a partir dos indícios que mencionarei. Haveria poucas dúvidas de que a reunião num quarto à beira-mar e o piloto caindo ao mar, morrendo sem conseguir “inflar-se”, se referem a um contato com o “marco” relativístico mais amplo do material. O paciente está personificado, de forma separada e alusiva, pelo piloto; o que não ocorre, no entanto, com seu marco relativístico inconsciente de mais alto nível a um objeto primário irresistivelmente atrativo e mortífero, que não está personificado; aparece, por um lado, como uma atmosfera, o clima de guerra e, pelo outro, como uma expansão sem limites: o mar.

Pode argumentar-se, e na minha opinião nos encontramos diariamente com isto em nossos pacientes, que, em seus níveis profundos, o contato com o Objeto primário tem em si essa dupla dimensão, atrativa e mortífera. Essa dualidade costuma aparecer, e com frequência, no âmbito do mítico e do literário; vale como exemplo, para não lembrar as Sereias, a Circe ou a Medéia, as linhas iniciais do Hino à Beleza de Baudelaire: “Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l’abime, O Beauté” (Vens tu do céu profundo ou saís tu do abismo, Oh, Beleza). Os aviões longínquos e incapazes de prestar ajuda assinalariam então o contexto amplo, mas em seu negativo – a analista que não ajuda. A figura da analista (a pessoa) alcança representatividade várias vezes no sonho, mas alcança-a quanto a situá-la em “contextos” relativísticos “clivados” do “marco” inconsciente mais abrangente que, conforme entendo, não chega a personalizar-se senão que é somente aludido pelos elementos, sem corporeidade pessoal, do clima de guerra ou da expansão do mar.

Então, no momento em que o analisando já não se sente atolado, veremos que a representatividade desse marco mais amplo evoluiu da expansão sem limites do espaço psíquico inconsciente para a personificação tridimensional no analisando em sessão como “flautista de Hammelím”, personagem irresistivelmente sedutor que atrai os aspectos inconscientes infantis para seu aniquilamento por imersão. Dessa forma, nesse momento da sessão uma muito ampla “simetria de classes” inconscientes atuando na transferência torna-se ostensiva e pode então nomear-se: analista-flautista de Hammelím equivale (ou “realiza”) a mãe sedutora-sinistra.

Somente então, quando o aspecto sinistro do “contexto de contexto de contexto” evoluiu carnal e perceptivamente ao personificar-se em três dimensões no vínculo com a analista, pode entrar em jogo a “prova de realidade”. A estrutura de múltiplos níveis da relação inconsciente e a dinâmica do insight ostensivo articulam-se nesse ponto; como afirmei antes (1991, 1994, no prelo), a verificação de realidade do analisando é necessariamente ostensiva, e pode entrar em jogo na medida em que a neutralidade do analisando subtraía a validação da realidade relativística arcaica. No material de Joseph, somente após ser vivenciada e ostensivamente reconhecida como flautista de Hammelím pode tal vínculo ser rejeitado e ela ser reconhecida como “não-flautista de Hammelím”. Os aspectos inconscientes infantis evoluem então, permitindo o contato afetivo com o seio-analista, embora seja bem provável que o paciente ainda se “infile” ao chamá-los de “filhote”.

É minha impressão que mudanças vitais na análise têm lugar no plano de tais “marcos” inconscientes hiperdimensionais. Isso ajudaria a explicar, entre outras coisas, a discrepância, após análises bem sucedidas, entre a amplitude das mudanças conseguidas e a relativa escassez de memórias conscientes sobre seu processo analítico e as interpretações pertinentes.

Referências

- Ahumada, J.L. (1991): Logical types and ostensive insight. *Int. J. Psycho-Anal.* 72:683-691 (Trad. cast. em Livro Anual de Psicoanálisis 1991. Lima, Imago) (1994): What is a clinician fact? *Clinical psychoanalysis as inductive method.* *Int. J. Psycho-Anal.* 75: 949-962. (Trad. p/o Português em *Rev. Bras. Psicanál.* 28: 635-656, 1994) (no prelo): A contra-indução na prática psicanalítica: aspectos técnicos. Apresentado na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre em outubro de 1995. A ser publicado em Richards, A. K. et al.(eds.): *Psychoanalysis in Process: Method, Theory, Applications.* *Festschrift in Honour of R.. Horacio Etchegoyen.* Nova York, Aronson.
- Álvarez de Toledo, L.G. de (1954): Análisis del “asociar”, del “interpretar” y de las “palabras”. *Rev.Latinoamer. Psicoanál.* 1:87-108, 1995.
- Bateson, G. (1955): *A theory of play and phantasy.* Em: *Steps to an ecology of mind.* Herts., Paladin 1973. (1973) : *Steps to an ecology of mind.* Herts., Paladin. (1979): *Mind and nature.* Toronto, Bantam 1988.
- Etchegoyen, R. H. (1982): The relevance of the here-and-now transference interpretation for the reconstruction of early psychic development. *Int. J. Psycho-Anal.* 63: 65-75.
- Etchegoyen, R.H. y Ahumada, J.L. (1990): Bateson and Matte-Blanco: bio-logic and bi-logic. *Int. Rev. Psycho-Anal.* 17, 493-502. (trad. cast. em Livro Anual de Psicoanálisis 1990. Lima, Imago)
- Ferenczi, S. (1932) Notes and fragments. Em: *Final Contributions.* Londres, Hogarth, 1955.
- Jiménez, J.P. (1990): Some technical consequences of Matte-Blanco’s theory of dreaming. *Int. Rev. Psycho-Anal.* 17: 455-469. (Trad. cast. em Livro Anual de Psicoanálisis 1990. Lima, Imago).
- Joseph, B. (1985): Transference: the total situation. *Int. J. Psycho-Anal.* 66: 447-454 (Trad. castelhana em: Livro Anual de Psicoanálisis 1985. Lima, Imago.)
- Klein, M. (1952): The origins of transference. Em: *The Writings of Melanie Klein.* Londres, Hogarth, 1975.
- Langer, S.K (1953): *Symbolic Logic.* Nova York, Dover.
- Matte-Blanco, I. (1975): *The Unconscious as Infinite Sets.* Londres, Duckworth. (1988): *Thinking, Feeling and Being.* Londres, Routledge.
- Money Kyrle, R. (1968): *Cognitive development.* Em: *The Collected Papers of Roger Money-Kyrle.* Perthshire, Clunie Press, 1978. (1977): *On being a psycho-analyst.* Em *Collected Papers.*
- Reichenbach, H. (1947): *Elements of Symbolic Logic.* Londres, MacMillan.
- Sharpe, E.F.(1940): *Psycho-physical problems revealed in language: an examination of metaphor.* Em: *Collected Papers on Psycho-Analysis.* Londres, Hogarth, 1978.
- Strachey, J. (1934): The nature of the therapeutic action of psycho-analysis. *Int. J.Psycho-Anal* 15: 127-140. (1937): Symposium on the theory of the therapeutic results of psychoanalysis. *Int. J.Psycho-Anal* 18: 139-145.

Jorge L. Ahumada
Av. Las Heras, 3898, 3° H
1425 – Buenos Aires, Argentina

© Revista de Psicanálise – SPPA

* Membro Efetivo da Associação Psicanalítica de Buenos Aires.

1. Enquanto a lógica aristotélica se estruturou em termos de indivíduos e suas qualidades, em fins do século passado Frege introduziu o conceito central de "função proposicional", no qual o indivíduo é substituído por uma variável (ou função) que define e delimita a classe. Assim, na asserção clássica: "Sócrates é mortal", Sócrates é simplesmente um dos indivíduos que pertencem a classe dos mortais e em consequência satisfaz a variável "x". A formulação rigorosa da função (ou forma) proposicional seria: "x é mortal".

2. (Luisa Alvarez de Toledo (1954) ilustra a maneira em que o que está sendo atuado na sessão analítica proporciona o contexto para significação do ali verbalizado).

[| Voltar ao Topo |](#)

[| Voltar ao Sumário |](#)